



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

FABRICIA GONÇALVES AMARAL

**O LUGAR DA MULHER ESCRITORA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS
DO SÉCULO XX: UMA LEITURA DE A SUA EXCIA.:A
PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO ANO 2500, ROMANCE DE
ADALZIRA BITTENCUORT**

Porto Nacional, TO

2012

FABRICIA GONÇALVES AMARAL

**O LUGAR DA MULHER ESCRITORA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO
SÉCULO XX: UMA LEITURA DE A SUA EXCIA.:A PRESIDENTE DA
REPÚBLICA NO ANO 2500, ROMANCE DE ADALZIRA BITTENCUORT**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins
(UFT), Campus Universitário de Porto Nacional para
obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Ms Maria da Glória de Castro Azevedo

Porto Nacional, TO

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P814l Pontes, Fabícia Gonçalves Amaral .

O lugar da mulher escritora nas primeiras décadas do século XX: Uma leitura de a Sua Excia.: a Presidente da república no ano 2500, romance de Adalzira Bittencuort. / Fabícia Gonçalves Amaral Pontes. – Porto Nacional, TO, 2012.

18 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2012.

Orientador: Maria da Glória De Castro Azevedo

1. Autoria feminina. 2. Gênero. 3. Narrativa. 4. Literatura. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FABRICIA GONÇALVES AMARAL

**O LUGAR DA MULHER ESCRITORA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO
SÉCULO XX: UMA LEITURA DE A SUA EXCIA.:A PRESIDENTE DA
REPÚBLICA NO ANO 2500, ROMANCE DE ADALZIRA BITTENCUORT**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras foi avaliado para a obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: _____ / _____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Ms. Maria da Glória de Castro Azevedo, UFT

Prof. Dra Jaciara Rondon Gonçalves, UFT

Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha, UFT

*Aos maiores motivadores da minha vida:
meus pais, meu irmão, meu esposo e minha
sementinha, Pérola, pelo demasiado
incentivo, fortalecimento e paciência.*

AGRADECIMENTOS

Um coração grato sabe reconhecer de onde advém a sua força. A minha, em sua maioria, foi provida por Deus. Desta forma, primeiramente, agradeço a ti Pai.

As noites em que pensei em recuar e desistir foram em maior número que as de escrita, todavia, nesses momentos tão dolorosos de incapacidade, me deparei com “anjos sem asas” que me abraçaram e sonharam essa conquista comigo:

Meus pais que mesmo sem entenderem, orgulham-se em dizer que a filha está concluindo um mestrado e não me permitiram retroceder.

Meu esposo Hugh Alex, que incansavelmente me fortaleceu, encorajou e acreditou em mim mais que eu mesma. Ainda surpresa por chegar a esta etapa, reconheço que só me foi possível por não estar sozinha. A solidão, a pequenez, a depressão e fragilidades roubam muitos de nossos sonhos, nossa força e até determinação, mas também me possibilitaram perceber que em tudo somos privilegiados por “presentes” a cada passo que damos em frente.

Os passos foram curtos, medrosos, incertos, mas em cada passinho na tentativa de prosseguir na caminhada foram guiados pela melhor orientadora que poderia existir: Profa. Dra. Olívia Aparecida da Silva, a senhora, certamente é o melhor presente que recebi nesse mestrado.

Meu agradecimento incondicional e reconhecimento por essa pesquisa é todo seu. Segurou em minhas mãos e me ensinou caminhar quando não mais sabia ou queria. Obrigada por não desistir de mim e em tudo ser paciente, carinhosa e compreensível sem em nenhum momento perder a sua competência e presteza em tudo que faz.

Obrigada, também, a todos/as que, direta ou indiretamente contribuíram e/ou acreditaram na realização desse trabalho.

RESUMO

Este artigo cogita fazer um estudo sobre a representação da mulher na literatura brasileira de autoria feminina, no início do século XX. Para tanto, estudarei o romance *A sua Excia.: A Presidente da República no ano 2500*, (1929), de Adalzira Bittencourt. Neste romance, a autora imagina uma sociedade onde a mulher ocupa lugares de poder até então ocupados, predominantemente, pelos homens. Este estudo fará, pois, uma análise sobre a condição feminina e as discussões político-sociais presentes na obra. Através do romance, misto de ficção, debate político e exposição dos ideais e aspirações a direitos femininos, a autora estabelece um diálogo com o leitor, mais especificamente, a leitora, sobre a condição feminina e os mecanismos de dominação.

Palavras — chave: Autoria feminina. Gênero. Narrativa.

ABSTRACT

This article aims to make a study of the representation of women in Brazilian literature of female authorship in the early twentieth century. Therefore, I will study the novel *Your Excellency.: The President of the Republic in the year 2500*, (1929), the Adalziria Bittencourt. In this novel, the author imagines a society in which women occupy positions of power hitherto occupied predominantly by men. This study will, therefore, an analysis of the status of women and socio-political discussions in the present work. Through the novel, mix of fiction, political debate and exposition of the ideals and aspirations of women's rights, the author establishes a dialogue with the reader, more specifically, the reader, about the female condition and the mechanisms of domination.

Key works: Female authorship. Genre. Narrativa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O LUGAR OCUPADO PELA MULHER NO FINAL DO SÉCULO XX.....	11
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

Nos séculos XVIII e XIX, a literatura de autoria feminina já havia despontado com força na Europa e nos Estados Unidos. Elaine Showalter (1993, p. 110) registra que nas décadas de 1870 e 1880, em grandes editoras inglesas, quase a metade dos autores era do sexo feminino, enquanto nos Estados Unidos três quartos dos romances publicados nesse período foram escritos por mulheres. Showalter afirma, inclusive, que, na Inglaterra do final do século XIX, George Eliot “havia dominado o romance vitoriano da mesma forma que a rainha Vitória comandava a nação”. (SHOWALTER, 1993, p. 87).

Contudo, no caso brasileiro, devido a questões de poder e de ideologia, a inserção da mulher no cenário literário foi lenta e árdua. A institucionalização da leitura e da literatura foi francamente discriminatória; prevalecia o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, e, portanto, sua forma de pensar e de escrever também o seria. Assim, ainda que a capacidade intelectual de muitas mulheres fosse inquestionável, muitas vezes, só existia de modo potencial e, não possuindo nem a independência intelectual nem a material – e uma coisa é ligada à outra –, a mulher (aquela considerada moralmente válida) não tinha como avançar muito além dos muros de seus quintais para adquirir uma cultura ampla e superior. A queixa da poetisa, jornalista e professora Narcisa Amália (1856-1924) tornou-se uma referência nos estudos literários feministas acerca desse quadro de limitações vivido pela mulher:

A pena obedece ao cérebro, mas se o cérebro submete-se antes ao poderoso influxo do coração, como há de a mulher revelar-se artista se os preconceitos sociais exigem que o seu coração cedo perca a probidade, habituando-se ao balbucio de significantes frases convencionais? (Apud TELLES, 1997, p. 404). Sob esse prisma, foi com muita dificuldade que os cercos dessa cultura preconceituosa se romperam e as mulheres começaram a publicar seus livros, já em meados do século XVIII.

Porém, só mais ao final do século XX foi possível o contato com obras que revelam a intensa participação feminina nas letras nacionais. Hoje, graças a esforços conjugados, pode-se dizer que a reconstrução de uma tradição literária feminina no Brasil já está bem estabelecida, já se sabe que a lista de nomes femininos em nosso passado literário é bastante extensa, embora, em sua grande maioria, esses nomes tenham amargado uma longa permanência na invisibilidade.

2 O LUGAR OCUPADO PELA MULHER NO FINAL DO SÉCULO XX

O lugar ocupado pela mulher, historicamente, compreendeu, durante anos, apenas o espaço doméstico, a figura feminina foi associada à ideia de fragilidade maior que a colocou em uma situação de total dependência da figura masculina, seja do pai, do irmão, ou do marido, dando origem aos moldes de uma cultura patriarcalista e machista. Assim, esse modelo sugeria a tutela constante das mulheres, ao longo de suas vidas, pelos homens, antes e depois do matrimônio. O poder pertencia somente ao senhor do lar seja o pai e, posteriormente o marido, que, por sua vez, estendia esse poder a várias situações de dominação: psicológica, social e sexual. Assim, as mulheres perderam, em diferentes níveis, a autonomia, a liberdade e o controle sobre seu próprio corpo.

Nesse longo período de opressão e discriminação, a mulher foi silenciada pela voz masculina e sua figura ficou estereotipada como fraca, submissa, passiva e destituída de poder, tanto no espaço privado do lar, quanto na área pública. Sem direito à voz, sem liberdade para sair da tutela masculina, restava à mulher poucas opções: sujeitar-se ao domínio patriarcalista ou rebelar-se, sendo perseguida e excluída, mais ainda, do convívio social. Sobre esse assunto, Virgínia Woolf (1985, p. 65) diz que qualquer mulher nascida com grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido ter-se-ia matado com um tiro, ou terminaria seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada.

Após um longo período de opressão e discriminação, a passagem do século XIX para o XX ficou marcada pelo fortalecimento do movimento feminista, o qual ganharia voz e representatividade política mais tarde, em todo o mundo ocidental, no que se refere à luta pelos direitos das mulheres, dentre eles, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto.

A mulher esteve, durante séculos, submissa ao homem e à conduta imposta pela sociedade e igreja. Não era vista como cidadã e se mantinha afastada do espaço público e da educação formal, não sendo permitido o acesso à escola. Essa situação de exclusão se estendia a qualquer campo de representação social. Por exemplo, na literatura, não era permitido à mulher escrever, uma vez que a literatura era coisa considerada propícia ao homem e, a mulher que ousasse escrever, ou publicava como anônima ou com pseudônimo masculino. Isso fez com que não tomássemos conhecimento da existência de mulheres escritoras, até meados do século XIX. Ao revermos o cânone literário brasileiro, podemos perceber uma ausência de mulheres, consideradas segmentos menos favorecidos socialmente. Segundo

Syntia Paixão (1995, p. 71): “A mulher do século XIX só entrou para a História da Literatura como objeto. É “importante, para reverter o cânone, mostrar o que aconteceu, quando a mulher começou a falar.”

A escrita feminina surge como uma tentativa de ruptura da concepção de inferioridade intelectual, a mulher instruída escrevia camuflando seu talento atrás do nome do marido ou adotando um nome fictício. Para realizar esse processo criador, a mulher deixa de desempenhar o papel imposto pelo homem, para ser a autora de seu próprio texto, para definir os seus papéis na sociedade e para tornar-se, de forma digna, a escritora dos movimentos em direção à libertação.

Passa então a lutar de todas as formas e paga ainda um preço muito alto para impor-se em nível de igualdade ao direito masculino. No entanto, esse processo de solidificação da mulher como: escritora, passa ao longo da história por um processo de mutilação e silenciamento da mulher enquanto escritora, que conversam como traço comum o fato de a produção intelectual de uma mulher desaparecer da história literária.

De acordo com Costância Lima Duarte, é comum história de mulheres escritoras que tiveram suas obras destruídas, como Maria da Felicidade do Couto Browne (1797-1861), uma poetisa portuguesa do século XVIII, que não chegou a publicar nenhum livro porque teve todos seus manuscritos queimados, assim como sua biblioteca, por um filho enciumado do talento materno. Os poucos versos que sobraram estavam publicados sob pseudônimo e foram recolhidos de jornais e revistas literárias da época.

Histórias também como a de Auta de Souza (1876-1901), poetisa rio-grandense, que além de poemas publicados sob o título de Horto, escreveu ainda outros que teriam sido reprovados pelos irmãos, também poetas e intelectuais, por não considerarem adequados à exposição pública. Existem outras inúmeras histórias semelhantes que testemunham as dificuldades e as tentativas das mulheres, ao longo da história, para serem consideradas escritoras e, assim, integrarem o cânone literário. Além de muitas outras que utilizaram de pseudônimos masculinos, como forma de driblar a crítica e os leitores. E também muitas filhas, mães, esposas e amantes que escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra.

Diante do exposto, e considerando o fato do silenciamento e exclusão da mulher escritora, no cânone literário brasileiro até o início do século XX, faz-se necessário, aqui, falar um pouco sobre a autora e o romance a ser estudado. Adalzira Bittencourt nasceu em Bragança Paulista, São Paulo, em 1904. Formou-se em Direito em 1927, atuou como professora, conferencista, escritora, e ativista social criou a primeira organização pacifista

brasileira, mulher muito participativa nos meios culturais do país. Como escritora, publicou contos, peças, romances e novelas e colaborou em jornais e revistas brasileiros. Entre suas obras, figuram Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500 (romance publicado em 1929), Mulheres e livros (1948), A mulher paulista na história (1954), Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (v. I, 1969, e v. II, 1970) e vários ensaios e livros de poesia. Da organização da Biblioteca Feminina de Letras no Rio de Janeiro resultou a I Exposição do Livro Feminino Brasileiro, no Hotel Palace, no Rio de Janeiro, em 1946, e a II Exposição, em São Paulo, em 1947.

Apesar de suas publicações, Adalzira Bittencourt foi esquecida pelo sistema literário brasileiro. Esse “esquecimento” pode ser considerado um fator político e, podemos dizer, conseqüente, do poder masculino que silencia e exclui a voz feminina, na literatura, até meados do século XX.

Sua Excia. A Presidente da República no ano 2500 trata de um Brasil não muito longe daqui, seu tema é a seleção da raça e a construção do sangue puro, que formaria um Brasil sem influências. No romance, a autora imagina a “raça” brasileira composta por homens medindo até 2,40 metros de altura e as mulheres até 1,80. Todos gordos, saudáveis e belos, alcançando uma expectativa de vida que varia entre 130 a 180 anos. E não o fora só no físico que o brasileiro se agigantara, mas também moralmente. Havia perfeita proporção entre o físico e o intelecto, não havia mais analfabetos e o catecismo católico foi instituído como prioridade. As mulheres assumiram a sua grande missão de mãe; evitavam a masculinização que grassava na sociedade, mas libertaram-se das roupas do século XIX e se tornaram modernas, higiênicas e produtivas.

Fecharam se as casas de prostituição, criou-se a cadeira elétrica, criaram se hanseniáticos, instituíram a eutanásia e o exame pré-nupcial e a mendicância fora exterminada, além de serem combatidos todo tipo de vício. Os médicos foram chamados a participar da regeneração da raça! “A raça definiu-se! O Brasil crescerá! Já nada mais era importado”. Com o processo a raça foi instituída e sua manutenção consiste em um preço alto e nesse espaço o romance ganha espaço na obra, Mariangela assina a autorização que permitirá que seu grande amor seja morto, para que o processo de seleção da raça continue.

Percebemos aqui, que, mesmo que a narrativa traga preceitos do determinismo e cientificismo, para a formação da raça humana (imaginado uma sociedade, na verdade, excludente dos fracos e diferentes), no que concerne à representação da mulher, esta surge como ideal de liberdade com referência às vestimentas que dariam mais mobilidade, controle da natalidade, fim da exploração sexual. Portanto, nesse aspecto, o que se imagina para a

mulher não é mera imaginação ficcional, mas sim, embriões de desejos pela mudança de paradigmas entre os papéis masculinos e femininos.

Em *A sua Excia. A Presidente da República no ano de 2500*, Adalzira de Albuquerque projeta a figura da mulher ocupando espaços sociais de poder em um tempo longínquo, já que no seu tempo presente vê o país como uma sociedade patriarcal excludente da figura feminina, de tal forma que imagina só possível a mulher em situação de poder, num tempo longínquo. A representação da sociedade futura imaginada opõe-se à sociedade da existência, com seus preconceitos, limitações e silenciamento da figura feminina.

A autora entrando no imaginário social, nas décadas de 1920 e 30 no Brasil, cria um livro como fuga da realidade, idealizando um lugar onde a mulher é possuidora de voz, poder e liberdade. Esse desejo de liberdade e empoderamento feminino estão presente no pensamento das escritoras desse tempo. Júlia Lopes de Almeida (1863-1923) analisando a representação dos papéis masculinos e femininos diz que não há meio de os homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que os seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós (...) e o pitoresco é que nos mesmos nos convencemos disto (TELLES, 1997).

Na sociedade de 1920 e 30, época da escrita de Adalzira, a mulher ocupava na sociedade um espaço simplesmente decorativo, sendo excluída do meu político e das discussões sociais, tendo como única tarefa o cuidado com o lar, filhos e marido. Adalzira, em sua obra, de maneira utópica, desloca essa construção impotente para o sexo masculino, criando um homem decorativo, numa espécie de deslocamento do olhar, ocorrendo uma reversão de papéis. Nessa construção de governo, a figura masculina é deixada de lado e, no decorrer da obra, torna-se apenas figurativa, ocorrendo assim uma inversão de valores.

Um fato interessante que devemos à mulher, além do de incrementar no homem o amor à agricultura e à indústria, foi o de amoldar as inteligências e formar-lhes o moral e o caráter. (PAIXÃO, 1991, p. 12). *A sua excia. a Presidente da República no ano de 2500*, é uma obra múltipla em suas definições e com o decorrer do enredo se fragmenta em suas características podendo ser interpretado por cada leitor à sua maneira. (...) cada leitor interprete este livro como entender. É romance, é fantasia, é crítica, é obra de ficção ou pedagógica. Que sei eu... (PAIXÃO, 1991, p.3).

A autora cultiva o que há de familiar na experiência de vida de seu leitor e, dessa forma, ao fazer referência a experiências comuns como práticas didáticas, o uso de uma voz narrativa não subjetiva, bem como outras técnicas realistas, estabelece uma relação de

proximidade entre este leitor e a projeção utópica do texto. Ao usar técnicas que evocam a opinião do leitor e, deste modo, evita que o texto se feche, a autora cria um metatexto que pode ser completado apenas pela experiência de cada leitor. Por esse motivo, a própria autora não classifica o gênero do romance deixando-o em aberto.

O romance se fragmenta como narrativa ficcional e se aproxima do ensaio, ou seja, de discussões e teorias sobre a representação do papel feminino na sociedade. Ao imaginar espaços de poder exercidos pela mulher, a escritora passa também a discutir o papel da mulher, na sociedade brasileira: que lugares políticos ela poderia ocupar, como ela é vista socialmente, a que ela tem direito, que possibilidades de fala lhe é dado e, por fim, o que a mulher almeja.

Adalzira mergulha em um imaginário perfeito, um lugar idealizado. Sua narrativa é utópica, como o próprio nome enuncia, é uma projeção para o ano de 2500. Nessa projeção, o feminismo vencerá, chegando ao seu auge, sendo o Brasil governado por uma mulher. A representação imaginada da sociedade futura feita pela autora, opõe-se à sociedade existente, em toda obra, percebe-se esses dois extremos entre o hoje de 1920 e 1930 e o utópico 2500. O Brasil sonhado pela autora é a imaginação da superioridade eugênica, que consistiria em uma seleção, para a idealização de uma raça forte e pura. O Brasil representado pela mulher seria um país mais forte, mais belo e mais rico.

“Para aqui convergiam povos de todos os recantos da terra, porém pouca gente tinha a ventura de poder desembarcar nas centenas de portos da imensa costa brasileira o discurso exaltador da condição do país permeia na confirmação da excelência da mulher. Em 1990, nós brasileiros, éramos ainda como em 1930: Mirrados. Neurastênicos. Trigueiros. Doentes. Feios. Pobres Analfabetos. Malcriados e estúpidos...”, “Um atraso em tudo”, “um horror”, custou anos de espera, mas o feminismo venceu”. (PAIXÃO, 1991, p.4).

A figura da mulher representada por Adalzira foge de todos os padrões históricos literários até então, a mulher deixou de ser a fraca, silenciada, dependente e emotiva. A narradora descreve a personagem Mariângela como doutora Mariângela de Albuquerque, de 28 anos, paulista, diplomada em Medicina e em Direito, esbelta, olhos de veludo, boca pequena e lindos dentes, cultura poliforma, boa, sensata, meiga, tipo de beleza, mulher perfeita.

A construção da figura idealizada da mulher se conjectura em um contra ponto à realidade vivida pela autora em 1930, dependente, oprimida e silenciada. Mariângela é a imagem da perfeição, seu governo é idealizado: foi um governo inteligente, honrado, os cidadãos eram alfabetizados, não existindo vestígios de crise ou dívidas. Esse governo de

Mariângela surge através das lutas de muitas mulheres ao longo da história e busca por seus direitos.

A relação de conjunto moderno, modernidade e modernismo também se encontram em sua obra. Esses elementos foram fartamente tratados pelos intelectuais capazes de mobilizar e orientar os reflexos da época na literatura, na arte e nas leis. A autora idealiza um Brasil utópico, criado através de lutas nas quais vidas de mulheres foram perdidas por um sonho de uma realidade melhor, que poderia vir a ser alcançada apenas pela força feminina.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Adalzira Bittencourt procura abrir uma reflexão sobre a necessidade de integração entre o feminino e o masculino, se conjecturando nos dois extremos: 1930 - sexo e poder masculino e 2500- sexo e poder predominantemente feminino. No entanto, devido ao universo ficcional marcado pelas teorias eugenistas e deterministas da época, sua criação literária parece, por vezes utópica e em outras, impossíveis.

Já estamos no século XXI, a teoria sobre o conceito de raça pura, branca, dominante, foi questionada, além de que, o ser humano continua o mesmo, sem agigantamento. Ainda assim, essa imaginação exagerada da escritora tem seu valor e importância, visto que expõe a necessidade de correlação entre os sexos sem que haja supremacia de um gênero em detrimento de outro.

Historicamente, a figura feminina sofreu a violência de gênero, no que se refere à exclusão e aos impedimentos de qualquer manifestação de autonomia e alteridade e esta, quando ocorria, era minimizada como inferior. Nesse contexto, o romance, por vezes, parece fantasia. Apesar de parecer um universo fantasioso, ele é interessante porque representa, para a época, uma leitura sobre a exclusão feminina no presente e sobre a única possibilidade de exercício de poder e liberdade para a mulher : um futuro longínquo. Ao projetar a conquista por espaços sociais de trabalho, voz e liberdade para um futuro distante, a autora na verdade, critica sua realidade presente na qual vivenciava a supremacia masculina em meados do séc. XIX e início de XX.

REFERÊNCIAS

FLORES, Maria. *Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt*. Minas Gerais: editora Mulheres, 2005.

MUZART, Zahidé. *Mulheres e Literatura: (trans) formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.

PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina*. Rio de Janeiro: Numen, 1991

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas e escrituras**. In: PRIORI, Mary de. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 401 – 442.